

METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: ANÁLISE DESCRITIVA DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS

Júlio Cesar Libanio Duarte

juliocesarlibanioduarte@id.uff.br¹

Resumo

A Geografia enfrenta os desafios contemporâneos de novas metodologias para o processo de ensino e aprendizagem reiterando-se como disciplina capaz de desenvolver a dimensão espacial do aluno atingindo pensamento crítico e reflexivo acerca da relação sociedade e natureza. A partir disso, de modo que possa romper com o ensino tradicional — mecanizado e tedioso — que apresenta um embate com o crescimento das redes em sala de aula, surgem as metodologias ativas como proposta para o ensino de Geografia. O presente estudo pretende descrever e analisar os estudos acadêmicos que abordam múltiplas linguagens para a Geografia escolar. Para isso, foi necessário utilizar três plataformas de buscas acadêmicas: a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Google Acadêmico. A pesquisa realizada nessas três plataformas demonstraram que há diversas propostas de metodologias ativas no ensino de Geografia que visam romper com o método tradicional de ensino. Tais propostas podem servir de contribuição acerca da construção de métodos que não sejam de transmissão de conhecimentos do professor para o aluno, ou seja, um método passivo de aprendizagem.

Palavras-chave: crise nas escolas, metodologias ativas e dimensão espacial do aluno.

Introdução

1 Licenciando em Geografia pela Universidade Federal Fluminense. Bolsista do Programa de Educação Tutorial – Interdisciplinaridade. Pesquisa desenvolvida por iniciação científica pelo grupo de Artesanias Geográficas e Educacionais (AGE).



No século XXI, com o crescimento das tecnologias digitais a aprendizagem torna-se, cada vez mais, ubíqua. Nesse sentido, as metodologias tradicionais de ensino entram em um embate com a necessidade dos alunos de hoje. Dessa forma, as metodologias ativas surgem como possível alternativa, uma vez que, o aluno é protagonista na construção do seu conhecimento. Com isso, o objetivo desta pesquisa consiste em realizar o levantamento dos estudos acerca das metodologias ativas no ensino de Geografia. Através dessas, é possível descrever o que está sendo produzido sobre o tema.

Outrossim, é pertinente o estado do conhecimento sobre metodologias ativas no ensino de Geografia, pois é possível averiguar o que foi estudado e de possíveis lacunas que preenchem esse campo de estudo. Assim sendo, a pesquisa tem como fim descrever e analisar as produções acerca de práticas com esteio em metodologias ativas no ensino de Geografia. Para isso, foram utilizadas três plataformas de buscas: o Google Acadêmico, a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações e o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Diante disso, a questão da base a pesquisa é: o que tem sido produzido sobre metodologias ativas no ensino de Geografia?

Quanto à metodologia utilizada, será usada uma abordagem quanti-qualitativa. Essa permitiu descrever a realidade pesquisada. O estudo está organizado em três partes: a primeira apresenta a crise escolar como motivação para metodologias ativas, a segunda mostra a Geografia inserida nessa realidade das escolas e a terceira a análise descritiva dos dados encontrados.

A problemática escola como motivação para metodologias ativas

Em princípio, é importante considerar que há um consenso entre os educadores de que a escola passa por uma crise (KOFF, 1998). Nesse sentido, ao analisar o aspecto histórico dessa instituição, é possível inferir que ela adquiriu os contornos de uma tecnologia, ou seja, seu objetivo é produzir algo (SIBILIA, 2012). As reflexões de Immanuel Kant no início do século XIX serviram como base para a finalidade da instituição escolar:

Antes de mais nada, é necessária a obediência no caráter da criança, particularmente no do aluno. [...] A obediência pode nascer da coação, e então é absoluta, ou da confiança, e então é raciocinada. Esta obediência voluntária é muito importante, mas aquela é extremamente necessária, porque prepara a criança para o cumprimento das leis que depois ela terá de cumprir como cidadã, ainda que não lhe agradem (KANT, 1803 apud SIBILIA, 2002, p. 1).

Fica evidente, portanto, de acordo com as considerações de Kant, que a instituição escolar em sua época tinha como função preparar o indivíduo para o cumprimento das leis a todo custo, uma vez que, deveriam cumprir com os valores sociais modernos a fim de criar uma identidade nacional. Soma-se a isso, a necessidade de disciplinar as crianças para a maquinaria industrial (SIBILIA, 2012, p. 27) pois, de acordo com Kant, “[...] a disciplina converte a animalidade em humanidade” (p. 12). Além disso, a escola concebida pelas sociedades industriais teve de ser uma instituição em que “[...] cada corpo se constitui como peça de uma máquina” (FOUCAULT, 1997). Concepção que vai ao encontro do progresso científico industrial.

Contudo, não é fácil transformar crianças em componentes de um aparelho bem calibrado nem deixá-las quietas durante horas ao longo dos anos:

Por causa dessa dificuldade recorreu-se ao confinamento como um recurso disciplinar de importância vital [nos colégios]. [...] Sua chave consiste em encerrar os indivíduos num espaço delimitado por paredes, grades e fechaduras, com o interior idealmente diagramado para os fins específicos de cada instituição, em intervalos regulares de tempo, cujos limites e pautas devem ser igualmente estritos (SIBILIA, 2012, p. 28).

O século XXI traz, também, exigências da instituição escola para com as subjetividades dos alunos. Com a mobilidade e a conectividade, a educação híbrida torna-se um conceito-chave para a educação hoje. Nesse sentido, é possível ensinar e aprender de diversas maneiras, em variados espaços. A partir da tecnologia, é possível trazer hoje a integração de todos os espaços e tempos (MORAN, 2015). Logo:

[...] As atividades podem ser muito mais diversificadas, com metodologias mais ativas, que combinem o melhor do percurso individual e grupal. As tecnologias móveis e em rede permitem conectar



todos os espaços e elaborar políticas diferenciadas de organização de processos de ensino e aprendizagem adaptados a cada situação, aos que são mais proativos e aos mais passivos [...] Isso exige uma mudança de configuração do currículo, da participação dos professores, da organização das atividades didáticas e da organização dos espaços e do tempo. (MORAN, 2015)

A fim de elucidar a questão da crise escolar, a representação artística já dramatizou diversos filmes que de maneira ou outra encenam tal conjuntura. No âmbito estrangeiro convém mencionar o longa francês “A voz do coração” (Christophe Barratier, França, Suíça, Alemanha, 2003, 95 min), cuja temática aborda o desafio de um novo professor para implementar aulas de música em uma instituição ortodoxa. De maneira análoga, o filme brasileiro “Tudo aquilo que aprendemos juntos” (Sérgio Machado, Brasil, 2015, 103 min), mostra as dificuldades de um professor de violino ao realizar aulas em meio à falta de recursos e violência.

O porquê de Metodologias Ativas no ensino de Geografia

Esse trabalho não pretende linear a história do pensamento geográfico refletindo no que é ensinado nas escolas durante as últimas décadas. Entretanto, de maneira breve, é fundamental para compreender o conteúdo teórico e metodológico da ciência Geografia pois reflete diretamente na Geografia ensinada nas salas de aula.

Com isso, inserida na problemática “crise escolar”, a Geografia, no começo, se configurou como disciplina objeto de difusão de uma ideologia do nacionalismo patriótico dentro dos primórdios da instituição escola. É o que aponta Pontuschka, Paganelli e Cacete (2002) ao descrever a motivação da sistematização do pensamento geográfico na França:

(...) A burguesia francesa comandara uma transformação radical na ordem social existente, instaurando o domínio das relações capitalistas, o que ampliou o espaço da ação política. A derrota da França na Guerra Franco-Prussiana (1870-71) havia mostrado à classe dominante do país a necessidade de pensar o espaço geográfico, deslegitimar a reflexão geográfica alemã e

fundamentar o expansionismo francês (PONTUSCHA, PAGANELLI e CACETE, 2007).

A partir dos anos de 1970, a geografia passa por um movimento de renovação do ensino. Sendo assim, as “geografias” vigentes (Geografia Tradicional e Geografia Quantitativa) naquele momento sofriam críticas em relação às suas implicações no ensino. Essas eram estruturadas de maneira mecânica de fatos, fenômenos, aspectos humanos e aspectos econômicos, de forma que ofereça aos alunos uma descrição das áreas estudadas, seja de um país, de uma região ou continente. (CAVALCANTI, 1998)

Nesse sentido, urge a necessidade de apresentação de novas metodologias que possam romper com o ensino mecanizado. A finalidade da geografia escolar, então, é desenvolver modos de pensar que envolvam a dimensão espacial. Não deve, apenas ter o professor em um tablado e os alunos enfileirados a fim de despejar conteúdos. Pode, além disso, formar o pensamento espacial como argumento para estudar os conteúdos. Assim sendo, para atingir tal expectativa, as metodologias ativas surgem como proposta de romper com o ensino tradicional oferecendo processos de aprender que utilizam experiências reais ou simuladas com a intenção de minimizar, com sucesso, desafios das atividades essenciais da prática social, em diferentes contextos (BERBEL, 2011).

A metodologia ativa consiste na mudança de perspectiva, onde essa pode ser considerada como uma concepção educacional que coloca os estudantes, em qualquer nível de ensino, como os principais agentes de seu aprendizado. Nesta, o papel do professor é incentivar a crítica e a reflexão que conduz a aula, mas o centro desse processo é, de fato, o próprio aluno (OLIVEIRA, PONTES, 2013 Apud, LIMA, SILVA E ARAÚJO, 2018).

Análise descritiva das obras encontradas em três plataformas de busca

O objetivo deste artigo consiste em realizar o levantamento dos estudos acerca das metodologias ativas no ensino de Geografia. Com os resultados, problematizamos sobre os trabalhos encontrados. A biblioteca digital brasileira de teses e dissertações (BDTD), o catálogo de teses e dissertações da Capes além do Google Acadêmico serviram como *corpus* de análise.



Nas três plataformas, fez-se a busca por “metodologias ativas no ensino de geografia”. Na BDTD, essa busca resultou em 297 trabalhos, sendo 230 dissertações e 67 teses. Enquanto no catálogo de teses e dissertações da CAPES foram 1.144 225 resultados, com 789 588 dissertações e 269 618 teses. No google acadêmico, por sua vez, foram 2.250 resultados sem poder identificar se são dissertações ou teses.

Quanto a metodologia para selecionar os trabalhos concernente à temática tratada nessa pesquisa, tornou útil a leitura dos títulos por anunciarem a informação principal do trabalho. Nos títulos foram escolhidos os que traziam, de maneira evidente, “metodologias ativas”. Como poucos trabalhos apresentavam essa descrição, lancei mão de identificar os títulos que falavam sobre alternativas metodológicas no título, como em “O uso da informática como ferramenta pedagógica no desenvolvimento de conteúdos de geociências no ensino fundamental” (Prado, 2004). Logo, interpretou-se que, como no exemplo, “o uso da informática como ferramenta pedagógica” poderia tratar-se de um plano de aula com metodologia ativa. Ademais, quando não pôde fazer a identificação pelos títulos, foi feito o download do arquivo para ser feita a leitura do resumo, da introdução ou mesmo da conclusão.

Por apresentar expressivo resultado – destaque para a CAPES (1.144 225 resultados e Google Acadêmico com 2.250) - apenas procurando por “metodologias ativas no ensino de Geografia” tornou-se necessário lançar novos critérios de busca. No total, das 297 obras encontradas na BDTD, foram encontradas 10 de acordo com o filtro de seleção utilizado. Já no catálogo de teses e dissertações da CAPES resultou em nenhuma obra de acordo com o pretendido. O curioso é que nessa plataforma os trabalhos que apareceram foram, em maioria, da área da saúde mesmo com a palavra geografia. Dessa maneira, é importante destacar o porquê disso:

Para a elaboração de novas propostas pedagógicas, os cursos de graduação e com destaque os da área da saúde, têm sido estimulados a incluírem, em suas reorganizações, metodologias de ensino que permitam dar conta dos novos perfis delineados para os seus profissionais (BERBEL, 2011).

Entretanto, após selecionar a busca na área de Geografia Humana na plataforma da CAPES, os resultados esperados apareceram e, por fim, foram encontrados 8 (oito) obras de acordo com os critérios de seleção. Por último, no google acadêmico foram encontrados 11 (onze) trabalhos apresentados em revistas, anais, simpósio, artigo ou como TCC. Nesse sentido, somando as obras selecionadas das três plataformas de busca totalizou-se 29 (vinte e nove) trabalhos para análise.

Para analisar e descrever as 29 obras encontradas nas plataformas, separamos os dados a partir das seguintes categorias: título, autor, ano da defesa, instituição e região, tipo de trabalho ou onde foi publicado. Nos quadros abaixo estão expostos essas categorias:

Google Acadêmico				
Título	Autor	Orientador	Ano	Instituição
Metodologias ativas para o ensino de Geografia: um estudo centrado em jogos	Jerusa Vilhena de Moraes e Sonia Maria Vanzella Castellar	*	2018	USP
Os mapas conceituais como metodologias ativa no ensino de Geografia	Leandro Fabricio Campelo e Stela C. Bertholo Piconez	*	2018	USP
Metodologias ativas em Geografia: experiências docentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)	Anna Erika Ferreira Lima, Danielle Rodrigues da Silva e Enos Feitosa de Araújo	*	2018	UFC
Inovações didáticas e ensino da Geografia: do potencial da aprendizagem baseada em problemas	Herculano Cachinho	*	2011	ULISBOA
Gamificação dos Setores da Economia - Uma perspectiva no ensino em Geografia	Mebis, Janice Souza	*	2017	UFSC
Projeto Terra de Luzia: Aprendizagem Baseada em Jogos Digitais como aliada da Geografia	Paulo Henrique Barbosa Silva, Cláudio Marinho	*	2016	UFVJM
Oficinas de formação de professores : uma estratégia formativa para a introdução de ferramentas tecnológicas no ensino da geografia	João Paulo Curto e Branca Miranda	*	2014	UAB(Portugal)
A cidade e a cultura urbana : um estudo metodológico para ensinar Geografia	Sonia Maria Vanzella Castellar	*	2006	USP
Estudo e pesquisa em educação geográfica e interdisciplinaridade: o grupo “educação e didática da Geografia: práticas interdisciplinares”	Sonia Maria Vanzella Castellar	*	2010	USP
Jogos e Geografia:dominando as eras geológicas	Armstrong Evangelista, Aliciane Mendes Vieira e Silva e Eliane Maria Paz Bastos Santos	*	2012	UFPI
O uso do Google Earth como ferramenta no ensino básico da Geografia	Luciana Junqueira Martins 1 Vinicius da Silva Seabra 1 Vânia Salomon Guaycuru de Carvalho	*	2013	UERJ-FFP



14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia
Políticas, Linguagens e Trajetórias
 Universidade Estadual de Campinas, 29 de junho a 4 de julho de 2019

Biblioteca Digital de Teses e Dissertações				
Título	Autor	Orientador	Ano	Instituição
O (re)significar o lugar no ensino de geografia em Goiás: por meio da poesia de Cora Coralina	Rosana Alves Ribas Moragas	Gloria da Anunciação Alves	2017	USP
Formação de professores de geografia à luz das metodologias ativas de ensino: desenvolvendo projetos interdisciplinares na Educação Básica	Elisabete Penz Beuren	Silvana Neumann Martins	2018	UFRRJ
O processo ensino de geografia a partir da hidrografia de Francisco Beltrão – PR	Fernando José Segala	Rosana Cristina Biral Leme	2017	UNIOESTE
O jogo "Paraná em questão" na ação docente : para uma aprendizagem significativa no ensino de geografia	Eliana Sermidi de Freitas	Rosana Figueiredo Salvi	2010	UEL
A percepção dos professores do IFPE na contribuição do ensino da geografia: a aula de campo como mediação pedagógica	Clezia Aquino de Braga	Francisco Kennedy Silva dos Santos	2016	UFPE
O ensino da cartografia e a utilização de geotecnologias em situações de aprendizagem na geografia escolar	Maria Lucia Santos da Silva	Marisia Margarida Santiago Buitoni	2010	PUC-SP
Acessibilidade urbana no ensino de Geografia: formação de conceitos de alunos do Ensino Médio em Iporá Goiás	Edna Maria Ferreira de Almeida	Lana de Souza Cavalcanti	2017	UFG
O uso da informática como ferramenta pedagógica no desenvolvimento de conteúdos de geociências no ensino fundamental	Antonietta Soares do Prado	Celso Dal Ré Cameiro	2004	UNICAMP
Cartografia tátil escolar: experiências com a construção de materiais didáticos e com a formação continuada de professores	Waldirene Ribeiro do Carmo	Regina Araujo de Almeida	2010	USP
A problemática hidrológica em Nova Iguaçu/RJ vista a partir da escola pública por meio dos projetos de trabalho no ensino de Geografia	Yasmin Ribeiro Molinari Mello	Clézio dos Santos	2017	UFRRJ

Cartografia da Autoria de objetos de aprendizagem na cibercultura: potenciais de E-práticas pedagógicas contemporâneas para aprender Geografia	Ana Claudia Carvalho Giordani	Ivaini Maria Tonini	2016	UFRGS
Trabalho de campo como contribuição para a disciplina Geografia no ensino fundamental: uma leitura em documentos oficiais	Cibebe Marto de Oliveira	Eneas Rente Ferreira	2013	UNESP-Rio Claro
As tecnologias da informação e comunicação no ensino de Geografia: formação e prática docente	José Rafael Rosa da Silva	Adriany de Avila Melo Sampaio	2015	UFU
Mediação em Geografia: práticas de professores no ensino fundamental na cidade de Cruzeta – RN	João Paulo de Oliveira	Antonio Carlos Pinheiro	2014	UFPB

Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES				
Título	Autor	Orientador	Ano	Instituição
Tecnologias digitais e ensino de cartografia: percepção socioambiental do rio Alcântara no município de São Gonçalo/RJ.	Iomara Barros de Sousa	Andre Reyes novaes	2014	UERJ
Entre a Geografia que se Ensina e a Geografia que se Aprende: A Experiência de Metodologias Ativas Aplicadas ao Processo de Ensino Aprendizagem de Geografia	Tiago Garrido de Paula	Manoel Martins de Santana Filho	2018	UERJ
A construção de conceitos no ensino de Geografia por meio do trabalho de campo em bacia hidrográfica	Mavistelma Teixeira de Carvalho	Adriana Olivia Sposito Alves de Oliveira	2018	UFG
Geografia e poesia: diálogo possível no ensino da Geografia Escolar	Maria Francisca Silva de Oliveira	Carlos Sait Pereira de Andrade	2013	UFPI

Quadro: Obras encontradas nas três plataformas
 Fonte: Duarte, 2019

Além disso, as pesquisas centralizaram-se mais em nível de mestrado, sendo 16 (dezesesseis) das escolhidas, apenas 2 (dois) teses de doutorado, 3 (três) artigos publicados em revistas, 2 (dois) em simpósios, 2 (dois) em congressos, 2 (dois) em boletins, 1 (um) TCC e 1 (um) trabalho do PIBID. Quanto aos programas de pós-graduação, a explicação pode ser do fato de que, segundo a CAPES, há, no Brasil, 1.374 programas de pós-graduação em nível de mestrado, contrapondo-se a 82 de doutorado; logo, há mais produção de dissertações do que de teses²²

Quanto a categoria *Região*, os dados mostram que o sudeste é a que mais produziu sobre o tema, com 55% (cinquenta e cinco por cento) dos trabalhos, seguida da região nordeste, com 21% (vinte e um por cento) das publicações, e da região sul com 10% (dez por cento). Ao passo que a região centro-oeste contribuiu com 7% (sete por cento), o mesmo que Portugal. Retirando os trabalhos estrangeiros (Portugal), o destaque do sudeste explica-se pela maior quantidade de programas de pós-graduação nessa região.³³

2Dados retirados em <https://geocapes.capes.gov.br/geocapes/>. Acesso em 26 de março de 2019.

3Dados obtidos em <https://geocapes.capes.gov.br/geocapes/>. Acesso em 26 de março de 2019.



Com relação a categoria *Instituição*, a fim de comparar os dados apenas do Brasil, foi excluído as duas obras portuguesas. Nesse sentido, das 27 (vinte e sete) encontradas, 13 (treze) foram produzidas em instituições federais, o mesmo número para as instituições estaduais, ao passo que entre as instituições privadas, apenas 1 (um) trabalho encontrado. Em relação aos dados comparativos entre universidades federais e estaduais cabe destacar o expressivo número das produções estaduais, uma vez que de acordo com dados do Índice Geral de Cursos (IGC) - INEP/MEC, de 2016, no Brasil, das 230 instituições superiores existentes, 100 (cem) são federais e 35, estaduais⁴⁴

Já ao tipo de pesquisa, com a leitura dos resumos ficou evidente dois importantes fatos: a maioria não identificou que tipo de pesquisa foi desenvolvida e, dos que mencionaram, a pesquisa qualitativa foi a que se destacou, de acordo com o gráfico que se encontra na próxima página:

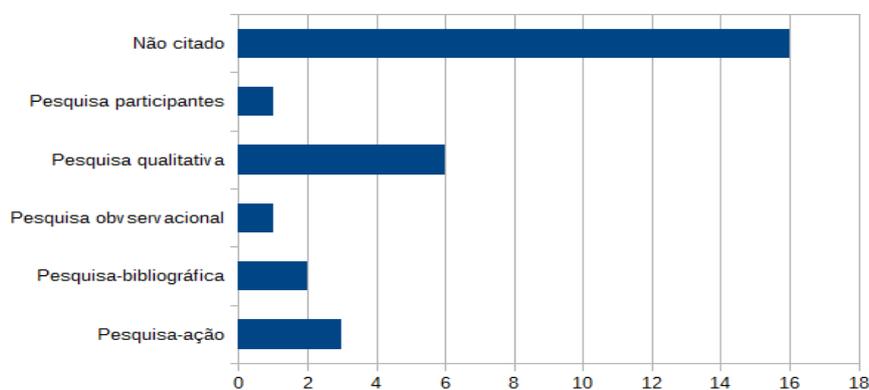


Figura 1: Tipo de pesquisa
Fonte: Duarte, 2019

Outra informação pouco citada foram as técnicas de coleta de dados, poucos explicitaram as técnicas utilizadas. Dos que mencionaram, as mais utilizadas foram: questionários, gravações, documentos oficiais e observação. Em algumas pesquisas, a fim de haver a melhor coleta de

4 Indicador que avalia, todos os anos, as instituições de ensino superior.

dados, coube ao pesquisador se ater a mais de uma técnica, ou seja, foram utilizadas gravações, questionários, fotografias, etc.

Uma questão observada que tornou-se curioso é que apesar de todos tratarem de metodologias ativas no ensino de geografia, poucos mencionaram essa temática. Com isso, 9 (nove) explicitaram “metodologias ativas” em alguma parte da pesquisa, enquanto 20 não mencionaram.

De grande importância, as áreas da geografia abordadas em cada pesquisa foram colocadas no gráfico em barras abaixo:

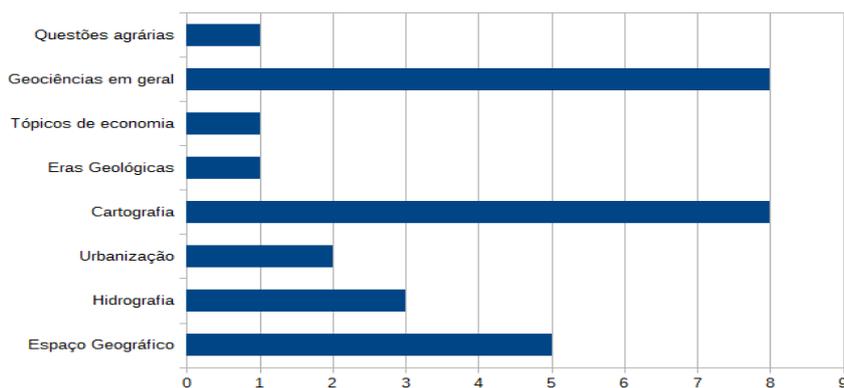


Figura 2: Área da Geografia
Fonte: Duarte, 2019

Como é possível ver, “geociências em geral” e “cartografia” foram as áreas da Geografia mais utilizadas nas pesquisas, ambas com 8 (oito). Quanto a primeira, foram trabalhos que não tratavam diretamente de uma área e, de acordo com a metodologia desse artigo, poderia ser utilizada qualquer área da Geografia.

Com o intuito de demonstrar as metodologias ativas, ou seja, práticas pedagógicas desenvolvidas de maneira que não deixe o estudante de maneira passiva para o ensino, as metodologias mais utilizadas foram expostas no seguinte gráfico em colunas:

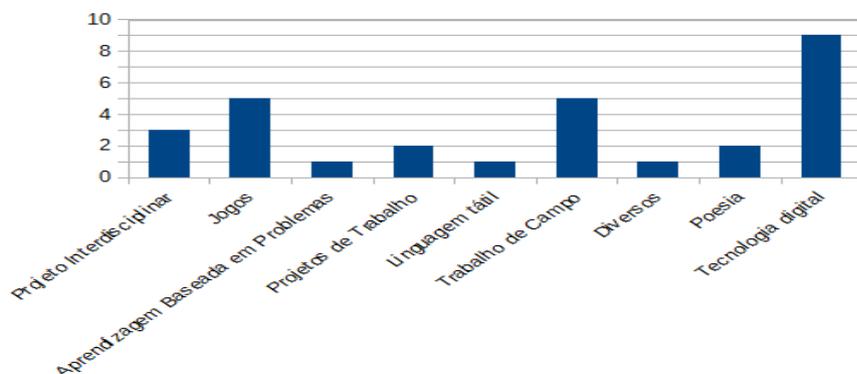


Figura 3: Metodologias mais utilizadas
Fonte: Duarte, 2019

Fica evidente com o gráfico que, metodologias que utilizaram alguma tecnologia digital foram em maior número, seguido de jogos e trabalho de campo. A respeito de “diversos” é devido a pesquisa “o processo ensino de Geografia a partir da hidrografia de Francisco Beltrão – PR” (SEGALA, 2017) propor não apenas uma metodologia, por exemplo, ela aponta a construção de maquetes e trabalho de campo como metodologia para o estudo de bacias hidrográficas. Precisamente sobre os jogos e as tecnologias digitais tornam-se fundamentais esses ensaios, já que vivemos em tempos de aprendizagem ubíqua, sendo a sala de aula território multidimensional, fonte de saberes múltiplos, conectado, multifacetado e interativo (GIORDANI, 2016).

Considerações finais

A pesquisa realizada nas plataformas (Google Acadêmico, Biblioteca digital de Teses e Dissertações e catálogo de Teses e Dissertações da CAPES) demonstrou que há diversas propostas de metodologias ativas no ensino de Geografia que visam romper com o método tradicional de ensino. Tais propostas podem servir de contribuição acerca da construção de métodos que não sejam de transmissão de conhecimentos do professor para o aluno, ou seja, um método passivo de aprendizagem.

Nessa perspectiva, os dados analisados mostraram que metodologias que envolvem jogos e tecnologias digitais fazem parte do maior número das pesquisas sobre o tema. Tal fator é importante devido a essas tecnologias estarem cada vez mais presentes na vida dos estudantes. Logo, esse tipo de metodologia mostra a necessidade de adequar o ensino a vida do estudante.

Quanto ao aspecto metodológico, é possível notar que há uma lacuna a respeito da descrição dos tipos de pesquisas no que diz respeito a descrição dessas. Dessa forma, o somatório de pesquisas que não citaram o tipo de pesquisa feita ganhou notoriedade em relação aos que citaram.

Ficou evidente, por fim, que, nem todos os trabalhos falam sobre “metodologias ativas”. Dessa forma, a prática de ensino ativo já vem sendo trabalhada, contudo, nem todos lançam mão de usar essa expressão, configurando-se como um assunto novo, uma vez que as obras mais recentes foram as que mais utilizaram durante o texto da pesquisa.

Referências bibliográficas

BERBEL, Neusa Aparecida Navas. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina, Ciênc. Soc. Hum**, Paraná. v. 32, n. 1 (2011). Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/issue/view/614>. Acesso em 26 março 2019.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Papyrus Editora, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1997.

GIORDANI, Ana Claudia Carvalho. **Cartografia da autoria de objetos de aprendizagem na cibercultura: potenciais de e-práticas pedagógicas contemporâneas para aprender Geografia**. 2016. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2016.

LIMA, Anna Erika Ferreira, SILVA, Danielle Rodrigues da, ARAÚJO, Enos Feitosa de. Metodologias Ativas em Geografia: experiências docentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 9, n. 18, p. 1-13, mai./ago. 2018. Disponível em: <http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes>. Acesso em: 31 março 2019.



MORAN, José; BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi, [et al]. (orgs.) **Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Penso, 2015.

PONTUSCHKA, Nídia; PAGANELLI, Tomoko Yida; CACETE, Núria Hanglei. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. 1ª ed. Contraponto, 2012.